

**MATURANA, Humberto R.;**  
**VERDEN-ZÖLLER, Gerda. *Amar e brincar:***  
fundamentos esquecidos do humano do  
patriarcado à democracia. São Paulo:  
Palas Athenas, 2004. 272p.

*Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*, foi escrito por Humberto R. Maturana e Gerda Verden-Zöllner. O livro está dividido em três grandes capítulos: Conversações Matrísticas e Patriarcais, escrito por Humberto Maturana; O brincar na relação materno-infantil de Gerda Verden-Zöllner e o terceiro e último, intitulado Brincar: o caminho desdenhado, escrito pelos dois autores. A publicação consta, no final, de um epílogo e glossário.

Adentremos então pelo primeiro grande capítulo, que se apresenta dividido em nove tópicos, e inicia com uma apresentação explicitando que o ensaio refere-se a conversas do autor com Gerda Verden-Zöllner, e que giravam em torno da relação materno-infantil, sendo que mãe, para os autores, significa quem cuida, seja do sexo masculino ou feminino e suas implicações nas relações sociopolíticas-ambientais.

A introdução é composta por um convite à reflexão acerca da vida humana e o mundo em que vivemos, e adentra por duas grandes vertentes da história cultural, a patriarcal e matrística, para caracterizar as relações humanas dominantes atuais e a importância das emoções nas construções de vínculos sociais e desenvolvimento humano. Essas duas formas de cultura será ponto norteador dos assuntos apresentados nesse livro.

O autor vai evidenciando, então, as características da cultura patriarcal européia que traz em sua maneira de viver, a valorização da guerra, competição, poder, controle e dominação dos outros por meio do conhecimento. A cultura patriarcal não aceita desacordos nem diferenças, há uma negação mútua, a competição e ascensão social que prima por ter vencedores. Foi essa cultura que lançou raízes para a construção da humanidade moderna, e da qual somos herdeiros, e que é pautada no autoritarismo, exploração e desrespeito à diversidade.

**Ana Paula Trindade  
de Albuquerque**

Professora Substituta da  
Faculdade de Educação da UFBA  
Mestranda em  
Educação FAGED/UFBA  
Bolsista CAPES  
anapta@ufba.br

A outra vertente, denominada de cultura pré-patriarcal ou cultura matrística, é assumida a partir de dados arqueológicos, análises de vestígios das antigas civilizações que viveram na Europa por volta de sete a cinco mil anos antes de Cristo. O autor vai apontar para os indícios que demonstram que as plantações e caça não eram divididas mas sim compartilhadas por todos, e que a posse não era um elemento central dessa cultura. A diferença se revelava como parte do círculo cultural; cada um tinha o seu papel a desempenhar. A cooperação era um ponto forte nas relações. A agressão e competição não eram cotidianas. A dor e o sofrimento eram uma ruptura do equilíbrio, mas a abertura emocional desse modo de vida proporcionava uma multidimensionalidade da existência. A cultura tinha como característica principal o amor e a vida.

O autor traz suposições históricas da passagem da cultura matrística europeia para a patriarcal. E traça um paralelo com as diferenças do emocional, ou seja, os desejos, preferências, escolhas, aspirações, intenções etc, em cada uma das duas culturas. Ele vai colocar que ainda vivemos brigando com as duas culturas e que as mulheres ainda trazem a matrística em sua forma de conviver e criar seus filhos. A infância traz em sua essência os traços dessa cultura, que na vida adulta vai ser podada, pois a imposição é de uma vivência da cultura patriarcal. Apesar da vivência matrística na infância, somos preparados o tempo inteiro para assumir papéis patriarcais. Ainda que não se dê conta dessa contradição, isso gera conflitos acerca de responsabilidades e ambições. É claro que enquanto animais, a agressividade é presente, mas inaceitável por nossa condição de humano, ser social e racional.

A democracia é vista por Maturana como ponto de ruptura da autoridade e hierarquia que define o patriarcado, mas não vai passar de aspiração. O autor vai colocar que a democracia não pode ser estabilizada nem tampouco defendida, pois a defesa leva à tirania, à democracia deve e só pode, ser vivida, e a dificuldade de tal processo está na perda de sensibilidade, dignidade, respeito e senso coletivo da humanidade.

*O brincar na relação materno-infantil: Fundamentos biológicos da consciência de si mesmo e da consciência social*, escrito por Verden-Zöllner, composto por sete capítulos, foi escrito principalmente a partir da experiência da autora com oficinas de jogos materno-infantis e outros trabalhos acerca de tal tema.

Então, nessa abordagem acerca da relação do adulto e da criança, ela traz a brincadeira como ponto fundamental da vivência da criança com o mundo que o cerca. Brincadeira sendo uma atividade que seja plena e que tenha um fim em si mesma, uma atividade vivida no presente, na realização, no encontro e no emocionar. É um momento de aceitação do corpo, e do tempo de cada um, o que traz o respeito de si e do outro, trazendo também responsabilidades sociais por conta de sensibilizações ocorridas nos processos da brincadeira.



A autora vai apontar, com base na nossa história, para a negação da corporeidade e da emoção, corpo e mente, matéria e espírito, o que acaba por nos levar a relações de neuroses, fanatismos, sofrimento etc. Assim, tentamos negar um sentimento vital para a nossa convivência individual e social: o amor.

E com base em tal sentimento, ela vai desfiando os resultados de suas oficinas e a importância da emoção para o desenvolvimento da criança, criando assim um lastro para um adulto maior aceitação e confiança em si o que acaba também por desaguar num maior desenvolvimento da consciência social, pois vai haver uma relação menos conflituosa com a cultura patriarcal, visto que, dessa forma, ocorre o dar-se conta dos processos que vai gerar reflexões acerca desse modo de viver.

Ao final do capítulo, a autora apresenta algumas reproduções coloridas certamente elaboradas pelas crianças.

E por fim, no terceiro grande capítulo intitulado, Brincar: o caminho desdenhado, escrito pelos dois autores e dividido em cinco partes, estes vão trazer que o amor, do ponto de vista biológico, “é a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como é no presente, sem expectativas em relação às conseqüências da convivência, mesmo quando seja legítimo esperá-las” (p.223), e mais adiante colocam que o brincar só pode acontecer no amor. Fortalecem mais uma vez os conceitos de que a relação mãe e filho devem acontecer no brincar.

Esse capítulo, de certa forma, é um enlaçamento de tudo o que foi apresentado no decorrer do livro. É uma síntese que mais uma vez nos traz a importância de re-pensarmos as nossas relações cotidianas com o mundo e da importância da emoção, da linguagem, do brincar e principalmente do amor, que passam a ser base nos nossos processos de vivência para que a barbárie não domine a nossa existência. Para tanto, a recuperação do amor



e da brincadeira é ponto fundamental, e as relações mãe e filho devem ser cuidadosamente respeitadas dentro do brincar no tempo presente. Nossas vivências não podem e não devem ser projetos para o futuro, mas, sim, constituídas de tecido do tempo exato em que vivemos.